

A CONJURAÇÃO SAGRADA

Uma nação já velha e corrompida, que corajosamente sacudir o jugo de seu governo monárquico para adotar um republicano, não se manterá senão por um belo golpe de crimes; pois ela está já no crime, e se quisesse passar do crime à virtude, vale dizer, de um estado violento a um estado suave, cairia numa inércia da qual sua ruína certa seria em pouco tempo o resultado.

SADE

O que tinha cara de político e se imaginava político, se desmascarará um dia como movimento religioso.

KIERKEGAARD

Hoje solitários, vocês que vivem separados, vocês serão um dia um povo. Aqueles que se designaram a si mesmos formarão um dia um povo designado - e é desse povo que nascerá a existência que ultrapassa o homem.

NIETZSCHE

Aquilo que empreendemos não deve ser confundido com nenhuma outra coisa, não pode ser limitado à expressão de um pensamento e ainda menos àquilo que é justamente considerado como arte.

É necessário produzir e comer: muitas coisas são necessárias que não são ainda nada e é assim igualmente da agitação política.

Quem cogita antes de ter lutado até o fim em deixar o lugar a homens que é impossível olhar sem provar a necessidade de destruir? Mas se nada pudesse ser achado para além da atividade política, a avidez humana não encontraria mais que o vazio.

SOMOS FERROZMENTE RELIGIOSOS e, na medida em que nossa existência é a condenação de tudo o que é reconhecido hoje, uma exigência interior quer que sejamos igualmente imperiosos.

O que empreendemos é uma guerra

É tempo de abandonar o mundo dos civilizados e sua luz. É tarde demais para se preocupar em ser razoável e instruído - o que levou a uma vida sem atrativo. Secretamente ou não, é necessário tornarmos-nos totalmente outros ou cessar de ser.

O mundo ao qual pertencemos não propõe nada a amar afora cada insuficiência individual: sua existência se limita a sua comodidade. Um mundo que não pode ser amado a ponto de se morrer por ele - da mesma maneira que um homem ama uma mulher - representa somente o interesse e a obrigação ao trabalho. Comparado aos mundos desaparecidos, é hediondo e aparece como o mais falho de todos.

Nos mundos desaparecidos, foi possível se perder no êxtase, o que é impossível no mundo da vulgaridade instruída. As vantagens da civilização são compensadas pela maneira como os homens as aproveitam: os homens atuais as aproveitam para tornarem-se os mais degradantes de todos os seres que existiram.

A vida tem sempre lugar num tumulto sem coesão aparente, mas não acha sua grandeza e sua realidade senão no êxtase e no amor extático. Aquele que insiste em ignorar ou em não reconhecer o êxtase, é um ser incompleto cujo pensamento está reduzido à análise. A existência não é somente um vazio agitado, ela é uma dança que força a dançar com fanatismo. O pensamento que não tem por objeto um fragmento morto existe interiormente da mesma maneira que chamamos.

É preciso tornar-se firme e inabalável o bastante para que a existência do mundo da civilização apareça enfim incerta. É inútil responder àqueles que podem crer na existência desse mundo e se autorizar dele: se falam, é possível olhá-los sem escutá-los e, no momento mesmo em que se os olha, não ver senão aquilo que existe

longe por trás deles. É preciso refutar o tédio e viver somente do que fascina.

Para esse caminho, seria vão agitar-se e buscar atrair aqueles que têm veleidades, tais como passar o tempo, rir ou se tornar individualmente bizarro. É preciso avançar sem olhar para trás e sem ter em conta aqueles que não têm a força de esquecer a realidade imediata.

A vida humana está exausta de servir de cabeça e de razão ao universo. Na medida em que se torna essa cabeça e essa razão, na medida em que se torna necessária ao universo, ela aceita uma servidão. Se não é livre, a existência se torna vazia ou neutra e, se é livre, é um jogo. A Terra, enquanto não engendrava senão cataclismos, árvores, pássaros, era um universo livre: a fascinação da liberdade se obscureceu quando a Terra produziu um ser que exige a necessidade como uma lei acima do universo. O homem, entretanto, permaneceu livre para não mais responder a necessidade alguma: ele é livre para se assemelhar a tudo aquilo que não é ele no universo. Ele pode descartar o pensamento de que é ele ou Deus que impede o resto das coisas de ser absurdo.

O homem escapou a sua cabeça como o condenado à prisão.

Ele achou para além de si mesmo, não Deus que é a proibição do crime, mas um ser que ignora a proibição. Para além daquilo que sou, encontro um ser que me faz rir porque é sem cabeça, que me enche de angústia porque é feito de inocência e de crime: tem uma arma de ferro em sua mão esquerda, chamamos semelhantes a um sagrado coração em sua mão direita. Reúne, numa mesma erupção, o Nascimento e a Morte. Não é um homem. Tampouco é um deus. Ele não é eu, mas é mais eu do que eu: seu ventre é o dédalo em que se desgarrou a si

mesmo, me desgarrar com ele e no qual

O que penso e represento, não o pensei nem representei só. Escrevo numa pequena casa fria de uma vila de pescadores, um cão acaba de latir na noite. Meu quarto é vizinho da cozinha onde André Masson se agita alegremente e canta: no momento mesmo em que escrevo assim, ele acaba de pôr num fonógrafo o disco de abertura de "Don Juan": mais que qualquer outra coisa, a abertura de "Don Juan" liga aquilo que me calhou de existência a um desafio que me abre à alegria convulsa fora de si. Nesse instante mesmo, olho esse ser acéfalo, o intruso que duas obsessões igualmente arrebatadas compõem, tornar-se o "Túmulo de Don Juan". Quando há alguns dias eu estava com Masson nessa cozinha, sentado, um copo de vinho na

me acho sendo ele, vale dizer, monstro.

mão, enquanto ele, se representando de repente a própria morte e a morte dos seus, os olhos fixos, sofrendo, quase gritava que era preciso que a morte se tornasse uma morte afetuosa e apaixonada, gritando seu ódio por um mundo que faz pesar até sobre a morte sua pata de empregado, eu já não podia mais duvidar que a sorte e o tumulto infinito da vida humana estivessem abertos àqueles que não podiam mais existir como olhos furados, mas como videntes arrebatados por um sonho transtornador que não lhes pode pertencer.

Tossa, 29 de abril de 1936

Georges BATAILLE

O MONSTRO

... Avançamos no pequeno plano seco e queimado onde se percebe esse fenômeno. O terreno que o cerca é arenoso, inculto e cheio de pedras: à medida que se avança, prova-se um calor excessivo e respira-se o odor de cobre e de carvão de terra que o vulcão exala : percebemos enfim a chama que uma ligeira chuva, fortuitamente sobrevinda, tornou mais ardente; esse fogareiro pode ter trinta ou quarenta pés de circunferência, se se cava a terra nas cercanias, o fogo se alumia de pronto sob o instrumento que a rasga.

SADE (juliette)

Será enviada uma carta expressa ao senhor Lenormand, mercador de madeira... para pedir-lhe que venha ele mesmo, seguido de uma charrete, buscar meu corpo para ser transportado... ao bosque de minha terra da Malmaison... onde quero que seja colocado, sem cerimônia alguma, no primeiro arvoredado cerrado que se acha à direita no dito bosque... Minha fossa será praticada nesse arvoredado pelo caseiro da Malmaison, sob a inspeção do Sr. Lenormand, que não quitará meu corpo senão após tê-lo colocado dentro da dita fossa... A fossa uma vez recoberta, serão semeadas glandes a fim de que, em seguida, o terreno da dita fossa se achando reguarneado e o arvoredado se achando cerrado como era antes, os traços de meu túmulo desapareçam de cima da superfície da terra, como me gabo de que minha memória se apagará do espírito dos homens.

TESTAMENTO DO MARQUÊS DE SADE

Os diferentes modos da espera destruidora do presente se traduzem em Sade nas operações mentais que presidem a diferentes práticas de deboche "experimental". A felicidade consistindo não no gozo, mas no desejo de quebrar os freios que se opõem ao desejo, não é na presença, mas na espera dos objetos ausentes que se gozará desses objetos - vale dizer que se gozará desses objetos destruindo sua presença real - (assassinatos de deboches) - ou se eles decepcionam - e parecem se recusar à presença (em sua resistência àquilo que se queria fazê-los sofrer) maltratar-se-os-á para torná-los a uma só vez presentes e destruídos (o que no sadismo moral se exprime por exemplo no sacrilégio endereçado ao Deus ausente). Em certos personagens de Sade, a decepção na

espera acaba por tornar-se uma ficção erógena: o objeto não decepciona, mas se o trata como se decepcionasse. Entretanto, um desses personagens, favorecido demais, confessa que bastando-lhe desejar para ter, seu gozo jamais foi motivado pelos objetos que o cercam, "mas por aqueles que aí não estão". "É possível cometer crimes como se concebe e como você diz aí, de minha parte, confesso que minha imaginação sempre esteve quanto a isso além de meus meios, sempre mil vezes mais concebi do que fiz e sempre me queixei da natureza que, dando-me o desejo de a ultrajar, negava-me sempre os meios para tal."

Aqui ainda a Natureza é vivida como uma presença provocadora da espera, uma presença que se furtaria à espera

agressiva: a consciência sadista se vê em face de sua própria eternidade que ela renegou e que não pode mais reconhecer sob os traços da astuciosa Natureza: de um lado, mantida nas funções orgânicas do indivíduo, ela faz a experiência dos limites de sua agressividade; de outro, nos movimentos da imaginação, ela tem a sensação do infinito, mas em lugar de aí reencontrar sua condição eterna e de se provar na unidade universal, ela aí não percebe, como num espelho, senão o infinito reflexo das diversas e múltiplas possibilidades perdidas de seu indivíduo. O ultraje a infligir à Natureza, seria cessar de ser indivíduo, para totalizar imediatamente e simultaneamente tudo o que contém a Natureza; seria conseguir chegar a uma pseudo-eternidade, a uma existência temporal, aquela da polimorfia perversa. Tendo renegado a imortalidade da alma, os personagens de Sade, em troca, colocam sua candidatura à monstruosidade integral, negando assim a elaboração temporal de seu próprio eu, sua espera as recoloca paradoxalmente no estado de posse de todas as possibilidades de desenvolvimento em potência, que se traduz por seu sentimento de potência incondicionada. A imaginação erótica, que se desenvolve à medida que o indivíduo se forma, contrabalançando, ora uma perversão, ora o instinto de propagação, e que escolhe os momentos de solidão e de espera do indivíduo - momentos em que o mundo e os seres estão ausentes - para invadir seu eu, corresponderia assim a uma tentativa inconsciente de recuperar todo o possível que se tornou impossível pelo fato da tomada de consciência do eu - essa

formação tendo permitido a realização do outro eu - logo a uma atividade de agressividade, em detrimento da realidade exterior, tendo por fim reaver sua integridade original. De tal forma que, no indivíduo vivendo na espera permanente, a imaginação se assemelha ainda a um esforço para escapar ao objeto que ele espera, para revir à condição a-temporal em que a posse de todo o possível excluía a possibilidade da experiência da perda. Pela boca de seus personagens, Sade ele mesmo confessa: "Eu inventava horrores, e os executava com sangue frio: em estado de nada me recusar, não importa quão dispendiosos pudessem ser meus projetos de deboche, eu os empreendia no mesmo instante." Com efeito, o solitário, o prisioneiro Sade, privado de todo meio de ação, dispõe no fim das contas da mesma potência incondicionada que o herói onipotente com que sonha: a potência incondicionada que não conhece mais obstáculos, nem fora, nem no interior de si mesma, que não tem mais do que a sensação de seu escorrimento cego. "Eu os empreendia no mesmo instante". Precipitação que não chega, no entanto, a esgotar o movimento d' "essa sorte de inconstância, flagelo da alma e demasiado funesto apanágio de nossa triste humanidade". Assim a alma, aspirando à liberação, é presa de uma esperança contraditória: espera escapar à dolorosa experiência da perda recusando ao objeto sua presença, enquanto no mesmo instante morre do desejo de ver o objeto, reintegrado no presente, quebrar nela o movimento do tempo destruidor.

Pierre KLOSSOWSKI

A UNIDADE DAS CHAMAS

... um sentimento da unidade comunal. Esse sentimento é aquele que prova um agrupamento humano quando aparece a si

mesmo como uma força intacta e completa; ele surge e se exalta nas festas e nas assembléias : um alto desejo de coesão o eleva, então, acima das oposições, dos isolamentos, das concorrências da vida diária e profana".

VEL' D'INV, 7 JUNHO 1936. - Enquanto a massa se dirige ao lugar onde se reunirá com o ruído imenso da maré - "com um

ruído de reino" - as vozes que se fazem escutar acima dela são quebradas; não são os discursos que escuta que fazem dela um milagre e que fazem secretamente chorar, é sua própria espera. Porque ela não exige somente pão, porque sua avidez humana é tão clara, tão ilimitada, tão terrível quanto aquela das chamuscas - exigindo antes de mais nada que ela SURJA, que ela seja.

ACÉFALO

É A TERRA

A TERRA SOB A CROSTRA DO SOLO É FOGO INCANDESCENTE
O HOMEM QUE SE REPRESENTA SOB OS PÉS

A INCANDESCÊNCIA DA TERRA

S'EMBRASA

UM INCÊNDIO EXTÁTICO DESTRUIRÁ AS PÁTRIAS

QUANDO O **CORAÇÃO** HUMANO DEVIRÁ **FOGO**

E FERRO

O HOMEM ESCAPARÁ A SUA CABEÇA COMO O CONDENADO À PRISÃO